

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O SISTEMA-MUNDO EM TRANSIÇÃO: O BANCO DO BRICS COMO ALTERNATIVA À INFLUÊNCIA OCIDENTAL

Charles Pennaforte¹

Universidade Federal de Pelotas
charles.pennaforte@ufpel.edu.br

Nairana Karkow Bones²

Universidade Federal de Pelotas
nairanabones@gmail.com

Homero de Camargo Filho³

Universidade Federal de Pelotas
camargohomero1@gmail.com

Resumo:

BRICS forma um grupo multilateral de países emergentes, que passaram a cooperar em diversos campos. No que tange ao âmbito econômico, fundou o Novo Banco de Desenvolvimento, em que cabe a este trabalho analisar o banco, sua viabilidade, e seu possível, ou não destaque como uma alternativa à influência ocidental no mercado financeiro mundial, assim, desafiando de certa maneira a ordem voltada para centros tradicionais do Capital, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Por meio das abordagens de análises antissistêmicas de autores como Wallerstein e Arrighi, este artigo busca compreender, se é possível desenvolver outros meios que fujam da lógica estabelecida pelos centros geopolítico-financeiros ocidentais ou somente completá-los e se adaptar ao sistema.

Palavras-chave: BRICS; Novo Banco de Desenvolvimento; geopolítica financeira; movimentos antissistêmicos

Abstract:

¹ Doutor em Relações Internacionais pela Universidad Nacional de La Plata (Argentina). Professor do curso de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA) e do Grupo CNPq Geopolítica e Mercosul (GeoMercosul).

² Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA) e do Grupo CNPq Geopolítica e Mercosul (GeoMercosul).

³ Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA) e do Grupo CNPq Geopolítica e Mercosul (GeoMercosul).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BRICS is a multilateral group, formed by emerging countries, which started to cooperate in many areas. In the economic area they founded the New Development Bank, therefore this work provides an analysis of the bank, its viability, and its possible, or not, highlight as an alternative of the western influence in the world financial market, therefore, challenging in a certain way the order which points to the traditional centers of capital, such as the World Bank and the International Monetary Fund. By the approaches of the antisystemic analysis from authors such as Wallerstein and Arrighi, this article searches to comprehend if it is possible to develop other ways that escape from the logic established by the geopolitical-financial western centers, or just complete them and adapt itself to the system.

Key words: BRICS; New Development Bank; Financial geopolitics; Antisystemic movements

Introdução

O BRICS, no momento de sua criação, era composto por países emergentes e de alto crescimento econômico, e tinha como objetivo principal influenciar no Sistema Internacional, na geopolítica e nos mercados globais (LOBATO, 2018), como também dar maior relevância ao “Sul Global”. Por Sul Global entende-se, por um conjunto de países em desenvolvimento, classificados pelo Banco Mundial como médio e baixo desenvolvimento, em contraponto aos países pertencentes ao Norte Global, que seriam os desenvolvidos (MILTIN; SATTERTHWAITTE, 2013).

Os países-membros do BRICS juntos têm uma importante influência no cenário internacional, representam cerca de 42% da população, 23% do PIB, 30% do território e 18% do comércio mundial, além de que ao longo de seus anos, o grupo desenvolveu cooperação setorial intra-bloco em diferentes temas; como ciência e tecnologia, promoção comercial, energia, saúde, educação, inovação e combate a crimes transnacionais, entre outras áreas (BRASIL, 2019a).

Durante a VI Cúpula do BRICS, realizada em Fortaleza, em março de 2014, atingiram um de seus objetivos principais: ganhar maior dimensão institucional. Para atingir essa meta, a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD⁴) e do Arranjo Contingente de Reservas (ACR), podem ser considerados uma etapa importante e inicial para uma cooperação financeira do grupo (STUENKEL, 2017).

⁴ Ou NDB, sigla do inglês New Development Bank.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No que tange a cooperação, quanto maior o seu desenvolvimento há uma maior estabilização intra-BRICS, ou seja, ações guiadas por meio de regras e normas, para a realização de metas e expectativas comuns. O NBD tornou-se um objetivo natural entre os países-membros, e atuaria em paralelo, ou até mesmo em contraponto à influência econômica do Ocidente, sobretudo de instituições internacionais financeiras ditas “tradicionais”, como as provenientes do arranjo da Conferência de Bretton Woods no pós-Segunda Guerra Mundial.

Diante do exposto, este artigo busca responder a seguinte indagação: o NBD poderia ser uma alternativa factível às tradicionais instituições financeiras do ocidente para o fomento econômico?

Nosso objetivo é analisar o NBD no cenário mundial como um possível desafio e/ou alternativa à ordem econômica tradicional, desde a sua criação. No campo das Relações Internacionais, a análise do tema é feita a partir da constatação do declínio da hegemonia estadunidense no âmbito geopolítico, econômico e cultural (WALLERSTEIN, 2004; ARRIGHI, 2006). Essa dimensão de análise ocorre pelas tentativas de se criar vias de desenvolvimento que diminuam a dependência dos centros tradicionais de poder. E isso se aplica ao NBD para a geopolítica econômica, pois é composto por países do Sul Global, que estão em desenvolvimento, e buscam uma maior autonomia político-financeira no cenário internacional.

1. Instituições Financeiras mundiais e a criação do NBD pelo BRICS

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, organizações internacionais começaram a ganhar maior importância no Sistema Internacional. Aquelas que estavam focadas na reconstrução dos países atingidos pela guerra, e a promoção de uma maior integração, se destacaram no cenário internacional (KRASNER, 2012) e se mostraram eficientes para reerguer as economias de tais países.

Das organizações internacionais que deveriam tratar dessa pauta mais voltada ao âmbito financeiro e consideradas tradicionais, temos o FMI e o Banco Mundial, ambas criadas em julho de 1944, no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), na Conferência de Bretton Woods. O FMI, que segundo seu site oficial, tem como objetivo, trabalhar para:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

[...] promover a cooperação monetária global, garantir a estabilidade financeira, facilitar o comércio internacional, promover o alto nível de emprego e o crescimento econômico sustentável e reduzir a pobreza em todo o mundo (ONU, 2019a).

Já o Banco Mundial, em definição oficial:

[...] atua como uma cooperativa de países, que disponibiliza seus recursos financeiros, o seu pessoal altamente treinado e a sua ampla base de conhecimentos para apoiar os esforços das nações em desenvolvimento para atingir um crescimento duradouro, sustentável e equitativo. O objetivo principal é a redução da pobreza e das desigualdades (ONU, 2019b).

Ou seja, o FMI busca “suprir instrumentos de crédito destinados a aliviar dificuldades temporárias no balanço de pagamentos e problemas decorrentes do endividamento externo”, enquanto o banco mundial “auxilia os países em desenvolvimento outorgando-lhes financiamentos de longo prazo para projetos e programas” (ROBERTS, 2000 p. 16-17). Ambos, portanto, são agentes que tentam evitar o aumento das crises financeiras enfrentadas pelos países partes, levando em consideração sua cota e participação no mercado internacional.

No decorrer das últimas décadas, a maioria das organizações internacionais fortaleceram e intensificaram seu papel, foram aquelas que possuem os EUA como principal ator e membro, ao lado da Europa. Perpetuando, portanto, uma tendência de monopolização do capital e do poder, como Arrighi (2006) afirma:

Mas essa maior escala, âmbito e sofisticação técnica nada mais são do que a continuação da sólida tendência da *longue durée* do capitalismo histórico à formação de blocos cada vez mais poderosos de organizações governamentais e empresariais como principais agentes da acumulação de capital em escala mundial (ARRIGHI, 2006, p. 309).

A influência de instituições financeiras internacionais é muito incisiva nos países em desenvolvimento desde a década de 1970. Diretrizes pautadas em uma política sistematicamente favorecedora da economia de livre mercado, empresa privada e livre-comércio global, que servia à economia americana (HOBSBAWM, 1995). Por outro lado, analisando a influência dos EUA e o seu poder hegemônico, Wallerstein (2004) afirma que desde o ano de 1968 está em declínio o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

[...] sucesso dos EUA como potência hegemônica no período do pós-guerra criou as condições para que a sua própria hegemonia fosse minada. Este processo pode ser capturado em quatro símbolos: a guerra do Vietnã, as revoluções de 1968, a queda do Muro de Berlim em 1989 e os ataques terroristas de setembro de 2001. Cada símbolo acresce ao anterior, culminando na situação em que os EUA se encontram hoje: uma superpotência solitária à qual falta o verdadeiro poder, um líder mundial que ninguém segue e poucos respeitam, e uma nação perigosamente à deriva, imersa em um caos global que não pode controlar (WALLERSTEIN, 2004, p. 25).

Logicamente trata-se de uma análise que não está baseada exclusivamente em aspectos econômicos, mas em várias frentes de observações. Julgamos ser uma perspectiva analítica interessante e que colabora para o entendimento do atual cenário do sistema-mundo. Tendo como base essa dimensão, o enfraquecimento da hegemonia dos EUA possibilitou que os países criassem vias alternativas de desenvolvimento para tentar evitar e/ou atenuar a dependência histórica do centro sistêmico e da sua esfera de influência geopolítica e econômica. Alternativas estas que vão desde a criação de programas de cooperação, grupos de mercado comum até bancos de desenvolvimento com taxas e prazos mais flexíveis.

Ademais, desde os anos 1980, há muitas críticas a essas organizações financeiras tradicionais. As principais são pautadas em três pontos: gestão democrática, direitos humanos e meio ambiente (BRETTON WOODS PROJECT, 2019). Assim, muitos países pedem uma reforma no FMI, principalmente pela monopolização dos votos nessas organizações pelos países desenvolvidos. Como foi o caso dos países-membros no BRICS na XI da Cúpula, em 2019, em que no 6º ponto na Declaração de Brasília, foi o pedido de reformas em organizações multilaterais como ONU, Organização Mundial do Comércio e FMI “[...] torná-las mais inclusivas, democráticas e representativas, inclusive por meio de maior participação dos mercados emergentes e de países em desenvolvimento nas tomadas de decisão internacionais” (BRASIL. MRE. 2019b).

Além de que os empréstimos e financiamentos concedidos por essas organizações tradicionais determinavam duros termos de ajustes aos países devedores, um pacote de medidas de teor considerados neoliberais ou neoliberalizantes⁵, em que torna os países devedores mais vulneráveis e dependentes economicamente do capital internacional.

⁵ “[...] cortes nas despesas com políticas sociais e investimentos, com objetivo de “equilibrar” o orçamento estatal; prioridade ao pagamento de juros das dívidas externas e interna, nas despesas públicas; reforma fiscal; flexibilização do mercado financeiro para a presença de bancos internacionais e eliminação de restrições ao

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para tanto, ao combinar o declínio do poder dos EUA, as políticas de empréstimos do FMI e de suas condições para acessá-los, além da resistência para reformas vigentes na estrutura de comando, muitos países, principalmente do Sul Global, criaram mecanismos e bancos de desenvolvimento paralelos, para suprirem suas necessidades.

Além disso, o mundo pós-crise econômica de 2008 fez com que a agenda neoliberal fosse enfraquecida, bem como os países candidatos aos recursos financeiros fossem excluídos por conta de suas bases ideológicas ou políticas, a mando dos EUA (DIXON, 2015). Isso aumentou o número de governos que foram relutantes à aceitação tanto das condicionalidades quanto das orientações das organizações internacionais tradicionais.

Ademais, após essa crise econômica, viu-se uma maior participação das economias em desenvolvimento no percentual do PIB mundial, em relação aos países desenvolvidos, e de modo geral, eram os maiores responsáveis pelo crescimento deste PIB (GRIFFITH-JONES, 2014). Vale mencionar, que isso se perpetua até os dias atuais, ao compararmos com os últimos dados fornecidos pelo FMI (INTERNATIONAL MONETARY FUND, 2019).

Os países em desenvolvimento para tentar escapar dessa “lógica” neoliberal das instituições ocidentais, como a do FMI, Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID⁶), passaram a cooperar em áreas cruciais para seu desenvolvimento. A fuga dessa dinâmica significa, de certa maneira, ir de alguma forma contra o sistema financeiro vigente, face às estruturas e realidades desiguais, para tentar combater este sistema assimétrico que favorece somente quem o monopoliza.

Isso explica a criação de diversos bancos de desenvolvimento, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, o Banco Islâmico de Desenvolvimento, o Banco Africano de Desenvolvimento, e programas de cooperação. Para que se tenha uma comparação mais próxima, tem-se como exemplo a Corporação Andina de Fomento (1968), mas que a partir de 2010 tornou-se o Banco de Desenvolvimento da América Latina, que é um banco multilateral de desenvolvimento, inicialmente para os países andinos, mas que depois se expandiu para toda a América Latina, assim como Espanha e Portugal, totalizando dezenove países-

fluxo de capital especulativo internacional; equiparação de moedas nacionais ao dólar; eliminação das restrições ao investimento estrangeiro; programa de privatizações; desregulamentação de atividades estratégicas (mineração, transporte, prospecção) e das relações trabalhistas (reformas); nova lei de patentes, de acordo com exigências internacionais.” (SILVA, 2006, p. 190).

⁶ Ou IADB, do inglês Inter-American Development Bank.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

membros, que tem seu capital dividido entre os membros. O NBD faz parte dessa nova dinâmica da geopolítica financeira.

Vale ressaltar que o BRICS surgiu como uma tentativa de integrar seus países-membros de diversas formas a despeito das enormes assimetrias em várias áreas: principalmente econômicas. Bem como, possuem grandes problemas de infraestrutura, como a falta de saneamento básico, precariedade de estradas, falta de fontes de energia renovável. Essa aproximação levou à cooperação em alguns temas-chave e, em especial, a um dos temas mais sensíveis: a economia.

A ideia de criação do NBD foi um processo que teve início com a aproximação das pautas econômicas na IV Cúpula do BRICS em Nova Déli em 2012. Começou com um acordo de cooperação financeira, entre os bancos de desenvolvimentos nacionais dos respectivos países-membros, que desencadeou na maior aproximação econômica entre os mesmos. Tal aspecto levou ao consenso de criação o Banco na Cúpula de Durban em 2013, para que ela, por fim, fosse assinada formalmente na VI Cúpula dos BRICS (Fortaleza) em 2014 (STUENKEL, 2017). Segundo o Ministério de Relações Exteriores do Brasil (2019a) “A criação do banco visou a responder ao problema global da escassez de recursos para o financiamento de projetos de infraestrutura.”

Na fundação, o NBD se baseou em alguns valores como: o da transparência; o de promover um espírito de colaboração mútua entre os membros; o de transformar as estruturas dos países em desenvolvimento; o de se desenvolver sem abrir mão da proteção ao meio ambiente; ser ousado e reconhecer que é necessário tomar decisões diferentes para mudar a visão do desenvolvimento financeiro; ser flexível nos processos e nos procedimentos, para conciliar os interesses públicos e privados; decisões democráticas e inclusivas “uma visão inclusiva, e não excludente”; ser transparente com todas as suas políticas, procedimentos e documentos, disponibilizando todos eles, publicamente (NDB, 2019a).

O Banco do BRICS foi uma instituição criada especialmente devido à demanda por investimentos tanto de seus países-membros, quanto de países em desenvolvimento que recebem investimento muito inferior do necessário e, muitas vezes, os governos nacionais não possuem tanto capital quanto capacidade técnica-profissional, para realizar tais obras. Além de sua importância econômica, NBD foi um passo importante para o processo de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

institucionalização do BRICS como um grupo formal, e não somente um grupo de consulta informal, onde não se tinham vínculos formalmente estabelecidos (STUENKEL, 2017).

Ademais, a constituição do NBD tem como objetivo a redução de assimetrias existentes do poder econômico das economias centrais do norte sobre as economias emergentes do sul, nas esferas de decisão das instituições financeiras multilaterais globais (PIRES, 2015). Visto que o banco tem intenção de atuar em países em desenvolvimento, que visa a melhorias de áreas específicas como saúde e mudanças climáticas.

Uma possível forma de ver a criação do NBD, é para ajustar um sistema monetário e financeiro que não mais é adequado e não comporta as necessidades dos países-membros, sendo uma espécie de complemento ao FMI e às instituições tradicionais (STUENKEL, 2017), ou ainda como um instrumento para aumentar a influência geopolítica dos países-membros, postos em destaque China (econômico) e Rússia (geopolítico) que são países com maior presença no cenário internacional.

A moeda que rege os depósitos é o dólar, porém o grupo tem a intenção de adotar uma cesta de moedas regionais para intensificar o intercâmbio comercial e financeiro, que poderá ser o início de um processo de “desdolarização” da economia mundial (PIRES, 2015). Em 2019, por exemplo, ocorreu uma queda de 73% para 49% nos pagamentos em dólar entre a Rússia e o BRICS. O dólar perdeu o seu lugar para o euro dentro do comércio intra-BRICS. Entre Moscou e Nova Delhi, 56% dos pagamentos foram realizados em rublos (RUSSIA BEYOND, 2020) .

Pode-se inferir que há uma tentativa de obtenção de maior autonomia (seja como uma forma de fugir das sanções econômicas de Washington no caso russo ou da criação do Renimbi por Beijing) devido ao fato das transações dos empréstimos não precisar passar pela moeda dos EUA, a normalmente usada por outros bancos e pelo sistema financeiro internacional.

Ou seja, pode-se afirmar que a criação do NBD tem a finalidade de ser uma instituição financeira antissistêmica (PENNAFORTE, 2013 p. 68) devido ao seu objetivo de tornar os países-membros independentes dos países centrais ocidentais, como os norte-americanos e europeus, demonstrado no fato de não haver nenhum representante desses países como membros criadores do banco.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vale mencionar, que por mais que o BID seja um banco de desenvolvimento, diferentemente do NBD, apresentam um padrão que se chama de cooperação Norte-Sul, que pode ser entendido como uma forma de exploração, devido às assimetrias econômicas entre os países envolvidos, com os países do Norte Global, sempre sendo os credores dos países do Sul. Países desenvolvidos têm uma maior influência na geopolítica financeira, devido ao fato de serem os maiores credores desses bancos de desenvolvimento, por isso detém um maior peso de voto nas decisões e poder de barganha, em que podem escolher quem irá receber os empréstimos, qual a quantia e quais os termos de pagamento, favorecendo seus interesses e usando a instituição como instrumento de influência e poder.

Comentado pelo vice-presidente brasileiro do banco, Paulo Nogueira Júnior (2016, p. 180):

A ideia é ter membros de todas as regiões do mundo – África, América Latina e Caribe, Ásia, Europa etc. Buscaremos trazer países desenvolvidos, de renda média e de menor nível de desenvolvimento. Mas só os países emergentes e em desenvolvimento poderão ser membros tomadores de empréstimos. Não faremos empréstimos a países desenvolvidos.

Essa coordenação entre os países-membros do BRICS permite a alavancagem em questões internacionais e uma melhor posição geopolítica no Sistema Internacional. Como já mencionado, os países-membros do BRICS, em especial a China, almejam o fortalecimento do bloco, pois o veem como uma alternativa, do ponto de vista geopolítico, de diminuir ainda mais a influência dos EUA. Como também, para a Índia que vê o NBD como uma grande oportunidade de viabilizar investimentos e proteção cambial, além de possuir interesse em desenvolver um posicionamento equilibrado nas relações com a China (GABRIEL; CARVALHO, 2015).

Compreende-se em nossa opinião, portanto, que o surgimento do NBD por parte do BRICS tem como intenção de funcionar como uma alternativa à influência geopolítica financeira dos países desenvolvidos, ao menos em uma menor escala, e expandindo sua influência gradativamente.

2. O NBD e sua influência

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O BRICS entende que as instituições financeiras multilaterais existentes e tradicionais não têm conseguido contribuir para superar desafios dos problemas latentes dos países que solicitam empréstimos (VASCONCELOS, 2015). Isso pode estar relacionado às demandas e interesses dos credores, ou seja, das potências centrais que dominam essas organizações.

Foi na VI Cúpula do BRICS (2014), que o NBD foi constituído, resultado de um estreitamento de laços de cooperação entre os países-membros com o objetivo de, principalmente, corrigir as limitações das instituições multilaterais na gestão política da crise financeira internacional do capitalismo (PIRES, 2015). A importância do banco já é indicada desde seu surgimento por ser a primeira instituição financeira multilateral fundada por países em desenvolvimento para atuar em nível global (CAMPOS, 2018).

O banco foi fundado com um capital inicial de inscrição de 50 bilhões de dólares, com contribuições igualmente distribuídas entre os cinco membros fundadores; o banco também conta com o ACR, que é um fundo de US\$ 100 bilhões, para estimular as economias em caso de uma eventual crise financeira (GRIFFITH-JONES, 2014). Embora as cifras sejam modestas, ainda são essenciais para a manutenção e o aprimoramento de certos setores econômicos locais. É importante mencionar que um diferencial é a horizontalidade presente no bloco, que procura apresentar uniformidade entre os países. Ao fazer empréstimos aos países, não há a necessidade de mudanças estruturais como exigida pelo FMI, “um dos valores compartilhados pelos países-membros do NBD é a não intervenção externa em qualquer economia nacional” (PEREIRA; MILAN, 2018, p. 31).

Em 2016 o NBD assinou um tratado com a China para alocar a sede do banco em Xangai e anunciar a abertura de um escritório regional em Johannesburgo, África do Sul. Vale ressaltar, que durante a XI Cúpula do BRICS, em novembro de 2019, no 31º ponto da Declaração de Brasília, mencionaram a inauguração de um escritório no Brasil, no qual assinala:

Saudamos a abertura dos Escritórios Regionais do NDB e as suas atividades nos países membros. Saudamos a criação do Escritório Regional das Américas em São Paulo, juntamente com seu sub-escritório em Brasília, e esperamos a abertura dos dois Escritórios Regionais restantes do NDB na Rússia e na Índia em 2020. Baseando-se nas funções centrais da Sede do Banco, seus Escritórios Regionais contribuirão para a expansão de suas operações e para a criação de um portfólio de projetos mais robusto para todos os países-membros (BRASIL, MRE, 2019b).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Devido ao fato dos países estarem distantes geograficamente, esses escritórios se tornam uma importante ferramenta para aumentar a cooperação, expansão e integração dos projetos e objetivos dos países-membros. Como também, a abertura do Escritório Regional poderá ampliar as capacidades operacionais e facilitar a identificação e preparação de projetos negociáveis dos países, ou até mesmo ser uma porta de entrada, ou uma vitrine para novos membros.

O banco em seus primeiros anos já tinha um certo destaque positivo por agências de avaliação de crédito chinesas, em que obteve "AAA" pela "China Chengxin Credit Rating" e "China Lianhe Credit Rating", desde 2016, em seus relatórios anuais; já em 2019, recebeu a mesma nota pela agência japonesa "Japan Credit Rating Agency", que é o nível mais alto de avaliação possível, e que demonstra o ótimo funcionamento por parte do banco (NDB, 2019d; EXAME, 2019).

De acordo com essas agências, as qualidades principais para essa boa avaliação incluem: o grande potencial de crescimento de negócios em países em desenvolvimento; estruturas sofisticadas de governança e gerência de riscos; eficiência operacional e equipe altamente qualificada além de possuir um alto nível de capital pago, com pontualidade em suas infusões. Pontos que só somam para um aumento de confiança e demonstram um grande potencial, por atuar de uma maneira diferente da convencional e, ainda assim, possuir o nível máximo de avaliação por parte das agências asiáticas.

Importante salientar, que o NBD torna-se uma ferramenta de projeção internacional dessas potências emergentes dos países-membros, pois além do aspecto operacional de possuírem um banco de desenvolvimento deles próprios, acabam se posicionando também como produtores de normas em âmbito internacional (SIUFI, 2017). Isso influencia de forma decisiva a agenda internacional e determina como se organiza a governança global.

Em relação ao funcionamento, o NBD não deverá atender a uma prática de intervenção nos países receptores e de não interferência nos países em que terão os empréstimos destinados, ou seja, não impõe taxas adicionais em termos de empréstimos (OLIVEIRA, 2015). Isso o diferencia de instituições tradicionais financeiras, em que muitas vezes exigem alterações políticas ou implementações de reformas econômicas, como já visto nos ajustes estruturais neoliberais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Como também há a possibilidade de empréstimos por meio da moeda local, o que proporciona juros independentes das possíveis variações e instabilidades do dólar (GOMES, 2018). O que demonstra que o banco tem uma intenção de atuar de forma mais igualitária com países vulneráveis economicamente e politicamente.

Na reportagem da revista “Euro Money” (2019), Leslie Maasdorp, vice-presidente do banco, explica também que a razão pelo grupo precisar de um banco seria ter uma forma dos mercados emergentes de tomar seu papel de direito na governança global. Por meio dessa afirmação, pode-se observar a tentativa desses países de assumirem uma importância no cenário e na geopolítica financeira mundial.

Além disso, o NBD financia projetos para ajudar os países-membros a alcançar resultados transformativos, inclusive reverter impactos sociais e ambientais negativos trazidos pelo desenvolvimento econômico predatório, podendo inviabilizar determinado ambiente para a produção agrícola ou moradia.

No que se refere à moeda comercial, como demonstram os dados, a utilização do dólar como forma de pagamentos entre os países do BRICS está diminuindo gradativamente. As exportações russas em rublos, por exemplo, com os países do BRICS aumentaram 7,2 vezes em 2018 em comparação a 2013 e os pagamentos em dólar entre a Rússia e os outros países do BRICS, teve um decréscimo de 73% para 49% em 2019 (RUSSIA BEYOND, 2019; 2020). Cada vez mais as moedas locais de seus países-membros vêm aumentando a participação no comércio em relação ao dólar norte-americano. Tal fator é essencial para a independência financeira, acabando com um intermediário que controla o valor da moeda.

O vice-presidente do NBD critica o fato de muitos bancos de desenvolvimento multilaterais operarem somente em dólares americanos e afirma que essa prática não faz sentido:

Por que não remover o risco de troca de moeda ao juntar a moeda em Renmimbi e então receber o empréstimo em Renmimbi, para que quem recebe o empréstimo não corra riscos de mudança de moeda? No passado, todo o risco ia para quem recebia o empréstimo. Dizemos que o modelo tem que mudar. Somos capazes de fazer isso agora pois os realizadores e recebedores do empréstimo são os mesmo países — cinco países investindo capital e também recebendo empréstimos (DEVEX, 2016).

Não somente essa declaração passa uma mensagem de que é possível um banco internacional operar sem o dólar, ou pelo menos diminuir o seu uso consideravelmente, como também demonstra que outros países podem aderir ao banco, ou então utilizar do mesmo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sistema de empréstimos, consolidando a sua perspectiva antissistêmica e oferecendo uma opção ao centro hegemônico financeiro internacional.

Ao fazer isso o banco pode reduzir o desafio e os custos associados às variações do dólar. Posto que alguns países-membros do BRICS têm como objetivo expandir sua influência geopolítica no cenário mundial e reduzir o domínio do dólar americano como moeda de reserva internacional.

No IV encontro anual da mesa de governadores do NBD realizado na África do Sul, no início do ano de 2019, foi possível visualizar algumas conquistas do banco, o que inclui o planejamento de dobrar, em valores, as aprovações de seus negócios (NDB, 2019c), assim como o aumento do número de empréstimos pelo o banco. Além disso, a título de demonstração de projetos aprovados que o banco se torna mais singular: foram aprovados no encontro projetos que ajudam a aumentar o fornecimento de energia em áreas cruciais para o desenvolvimento sustentável (NDB, 2020). Em nota à imprensa do Presidente do NBD, K.V. Kamath:

Em 2019 o banco impulsionará nossas operações e irá visar em dobrar suas aprovações de empréstimos para 16 bilhões de dólares. Nós estamos focando no desenvolvimento do impacto de nossos empréstimos através de estruturas de monitoramento mais robustas e da medição dos projetos. Sustentabilidade continua sendo o núcleo de tudo que fazemos⁷ (NDB, 2019c).

Esses projetos aprovados demonstram o empenho dos países em seu desenvolvimento e a sustentabilidade é uma das pautas centrais do banco devido ao fato de alguns países do grupo sofrerem grandes consequências diretas de danos ambientais. Por meio da sustentabilidade, o NBD tenta atrair e ter um poder geopolítico diferenciado no contexto financeiro.

Os projetos financiados pelo NBD são colocados em prática para compensar também os impactos adversos a grupos sociais ou ambientais, e os padrões são comparáveis aos estabelecidos pela Estrutura Ambiental e Social (ESF⁸) do Banco Mundial. Importante mencionar que a ESF é guiada pelos princípios relacionados ao desenvolvimento inclusivo e sustentável, mudança climática, entre outros (WORLD BANK, 2019). Essa diretriz se mostra, na prática, por meio da análise e da escolha dos projetos.

⁷ Tradução feita pelos autores.

⁸ Sigla do inglês Environmental and Social Framework.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O resultado esperado provém desses projetos que demonstram o apoio ao desenvolvimento de infraestrutura e sustentabilidade nos países do grupo, como planeja a estratégia geral do NBD. Ela visa a ações que fortaleçam tanto os países-membros como também que se teste e aperfeiçoe o sistema do banco, conforme o mesmo opera na prática. Assim, ao analisar o website oficial do NDB, apresenta uma lista com 59 projetos já aprovados até metade de 2020 incluindo energia, transporte, infraestrutura social, infraestrutura urbana, proteção do meio ambiente e da água, saneamento e inundação, multissetor e saúde pública (NDB, 2020).

Todas essas áreas são essenciais, geopoliticamente, para um país, pois se tratam de setores chave para o funcionamento de quase todas atividades produtivas, porém, todos são setores nos quais os países-membros possuem deficiência. Um fator importante a se destacar é o suporte técnico do projeto, pois para que tal tenha um real impacto, é necessário que haja conhecimento técnico especializado, algo que muitos países em desenvolvimento não possuem.

Com base na análise do ano de 2019 até metade do ano de 2020, o banco aprovou um total de 23 projetos, e mais três em assistência técnica, fechando o balanço desse período, em aproximadamente 17 bilhões de dólares em empréstimos. Nesse período analisado, ao comparar com os anos anteriores, pode-se observar que os empréstimos destinados a setores essenciais e de base manteve-se, porém com dois diferenciais em relação aos outros anos: o início dos projetos de assistência técnica e os empréstimos feitos para ajudar os países na crise de saúde provocada pelo Covid-19 (NBD, 2020).

Os projetos se relacionam a temas diversificados como o combate às enchentes e o aperfeiçoamento do sistema sanitário e distribuição de água, sendo este último também listado entre os projetos voltados ao setor de energia, dado que todos giram em torno de problemas elementares para o desenvolvimento de um país.

Ao fim, em sua breve operacionalidade, o banco tem se mostrado eficiente, cobrindo demandas dos países, sem se esquecer do fator ambiental, e também agindo sob uma perspectiva antissistêmica, tentando diminuir a influência e a dependência do centro sistêmico capitalista, seja essa dependência financeira, monetária ou tecnológica.

Conclusão

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O BRICS é de suma importância para a economia mundial, pois tem países-membros influentes no contexto financeiro e geopolítico. Com a criação do NBD, a questão financeira do grupo se torna mais institucionalizada, uma alternativa aos países em desenvolvimento, e não pode ser ignorado pela atual conjuntura geopolítica.

Tendo como pano de fundo o enfraquecimento geopolítico, financeiro e ideológico dos EUA, o surgimento de novos blocos de poder é inevitável. O BRICS é consequência disso em nossa opinião.

O NBD com poucos anos de criação e funcionamento, ainda não tem como ratificar se poderia ser uma alternativa que supriria e se colocaria à altura das atuais organizações financeiras mundiais centrais originadas desde Bretton Woods. No entanto, pode-se afirmar começa a construir uma credibilidade e um diferencial no contexto internacional, crescendo e influenciando paralelamente o sistema financeiro por meio de vários projetos de investimentos em setores primordiais sob outras condições.

Entretanto, pode-se visualizar que apesar de não conseguir se apresentar como uma alternativa de grande envergadura ainda para substituir e competir em termos globais com os grandes bancos já estabelecidos, o NBD poderá apresentar vantagens futuramente para os países que não possuem acesso aos recursos do eixo estadunidense/europeu (BID, FMI etc.).

O que irá definir o sucesso ou o fracasso do NBD como instituição financeira, será sua capacidade de se destacar dos demais bancos de desenvolvimento, juntamente com seu potencial de operar com maior igualdade, sem que se perca a eficiência ou a eficácia dos seus investimentos, que aprenda com os erros de outros bancos existentes, ou até mesmo com os seus próprios, para que, assim, possa se consolidar e almejar uma expansão. Não devemos esquecer que há uma grande disputa geopolítica por trás de todo o processo

Vale mencionar a importância de representação e independência financeira dos países, e o NBD se mostra como uma possibilidade, em uma menor escala, para que estes países emergentes consigam não depender do centro do capital por completo. Acreditamos que o NBD não tem por objetivo principal criar uma forma de confronto direto com demais instituições financeiras, mas sim criar uma via de desenvolvimento paralela, assim se afastar da esfera de influência geopolítica ocidental, e desenvolver a sua própria.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sendo assim, dada a escala atual, o NBD ainda é muito incipiente para operar em uma escala tão grande, porém o banco vem se desenvolvendo e melhorando a sua eficiência desde sua criação. Talvez no longo prazo, com uma maior normalidade das operações e com um futuro aumento da escala, isso gere outro ajuste, expandindo as operações do banco. O processo deverá ser lento e gradativo, para que sua funcionalidade seja garantida.

Referências bibliográficas

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 2006. 5ª reimpressão.

BATISTA JÚNIOR, Paulo Nogueira. **BRICS – Novo Banco de Desenvolvimento**. Entrevista elaborada por Rubens Rogério Sawaya (PUC-SP). Estudos Avançados, São Paulo, v. 30, n. 88, p. 179-184, set./dez. 2016.

Brasil. Ministério das Relações Exteriores. **BRICS**. 2019a. Disponível: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics>>. Acesso: agosto/2019

_____. Ministério das Relações Exteriores. **XI Cúpula do BRICS – Declaração de Brasília**. 2019b. Disponível: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/21083-declaracao-de-brasilia-11-cupula-do-brics>>. Acesso: dezembro/2019

CAMPOS, Felipe Amorim. O BRICS e sua influência na governança do Sistema Internacional. **Dissertação de mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais na Universidade Federal da Bahia. 2018. Disponível: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28202/1/Disserta%20a7%20a3o%20de%20Mes%20trado%20-%20Felipe%20Amorim%20Campos-converted.pdf>>. Acesso: maior/2020

DEVEX, Maasdorp. **BRICS bank's 'openness' and unique place in the MDB world**. Disponível: <<https://www.devex.com/news/maasdorp-on-brics-bank-s-openness-and-unique-place-in-the-mdb-world-88374>>. 2016. Acesso: setembro/2019

DIXON, Chris. The New BRICS Bank: Challenging the International Financial Order? **Policy Paper**. London Metropolitan University. nº 28, 2015 Disponível: <<http://repository.londonmet.ac.uk/343/1/GPI%20policy%20paper%20no.28.pdf>>. Acesso: junho/2020

EUROMONEY. **NDB: THE Brics bank takes shape**. 2019. Disponível: <<https://www.euromoney.com/article/b1f9vf7w1cf3d8/ndb-the-brics-bank-takes-shape>>. Acesso: setembro/2019

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

EXAME. NDB obtém classificação AAA de agência de classificação de crédito do Japão. 2019. Disponível: <<https://exame.abril.com.br/negocios/releases/ndb-obtem-classificacao-aaa-de-agencia-de-classificacao-de-credito-do-japao/>>. Acesso: outubro/2019

GABRIEL, João Paulo; CARVALHO, Carlos Eduardo. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v.36, n.129, p.53-69, jul./dez. 2015.

GOMES, Gabriel Galdino. O papel complementar do banco do BRICS em relação às instituições de Bretton Woods no sistema financeiro internacional. **A Economia em Revista** Volume 26 Número 2 maio/agosto de 2018. Disponível: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EconRev/article/view/50208/pdf>>. Acesso: junho/2020

GRIFFITH-JONES, Stephany. **A BRICS Development Bank: a dream coming true?**, UNCTAD Discussion Papers. 2014. Disponível: <https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/osgdp20141_en.pdf>. Acesso: setembro/2019

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. SP: Cia. Das Letras, 1995.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **The World Economic Outlook**. Disponível: <<https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2019/01/weodata/weorept.aspx?sy=2000&ey=2019&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=110%2C200&s=PPPSH&grp=1&a=1&pr.x=23&pr.y=15>> Acesso: Setembro/2019

KRASNER, Stephen D. Causas estruturais e consequências dos Regimes internacionais: regimes como variáveis intervenientes. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 20, n 42, p. 93-110, jun. 2012.

LOBATO, Lenaura de Vasconcelos Costa. **A questão social no projeto do BRICS**. 2018. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232018000702133&script=sci_arttext>. Acesso: agosto de 2019

MILTIN, Diana; SATTERHWAITE, David. **Urban poverty in the Global South: Scale and Nature**. New York & Oxon: Routledge. 1ª edição. 2013.

NAÇÕES UNIDAS. ONU. **Banco mundial**. 2019b Disponível: <<https://nacoesunidas.org/agencia/bancomundial/>>. Acesso: Setembro/2019

_____. ONU. **FMI**. 2019a Disponível: <<https://nacoesunidas.org/agencia/fmi/>>. Acesso: Setembro/2019

NEW DEVELOPMENT BANK. NDB. **Investor Relations**. 2019d. Disponível: <<https://www.ndb.int/investor-relations/credit-ratings/>>. Acesso: outubro/2019

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

_____. **Mission and Values.** 2019a. Disponível: <<https://www.ndb.int/about-us/essence/mission-values/>>. Acesso: setembro/2019

_____. **New Development Bank (NDB) outlines ambitious plans to boost loans, increase impact of investment.** 2019c. Disponível: <https://www.ndb.int/press_release/new-development-bank-ndb-outlines-ambitious-plans-boost-loans-increase-impact-investment/>. Acesso: setembro/2019

_____. **Projects.** 2020. Disponível: <<https://www.ndb.int/projects/list-of-all-projects/>>. Acesso: junho/2020

OLIVEIRA, Gabriela de Souza. BRICS rumo a contestação sistêmica? Cooperação financeira para desenvolvimento e perspectivas do Novo Banco de Desenvolvimento. 2015. 55 f., il. **Monografia** (Bacharelado em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

PENNAFORTE, Charles. **Movimentos Antissistêmicos no Sistema-Mundo Contemporâneo: O Caso Venezuelano.** Rio de Janeiro: CENEGRI - Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais, 2013.

PEREIRA, Rafael A. A.; MILAN, Marcelo. O financiamento do desenvolvimento e o Novo Banco do BRICS: Uma alternativa ao Banco Mundial? **Planejamento e política públicas.** nº 51. 2018. Disponível: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9841/1/ppp_n51_financiamento.pdf>. Acesso: agosto/2020.

PIRES, Hindenburgo F. Globalização e integração financeira e tecnológica entre os países emergentes: o novo banco de desenvolvimento do BRICS. **Revista Geo UERJ.** Rio de Janeiro, n. 27, 2015, p. 283-292.

ROBERTS, Richard. **Por dentro das Finanças Internacionais – guia prático dos mercados e instituições financeiras.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

RUSSIA BEYOND. **Dólar sai do comércio entre os Brics.** 2020. Disponível: <<https://br.rbth.com/economia/83948-dolar-sai-do-comercio-entre-brics>>. Acesso: junho/2020

_____. **Exportações russas em rublos para os países do Brics cresceram 720%.** 2019. Disponível: <<https://br.rbth.com/economia/82234-exportacoes-russas-rublos>>. Acesso: setembro/2019

SILVA, Luiz Fernando da. As novas configurações políticas na América Latina e os ajustes estruturais neoliberais. *In: Mídia e Democracia.* Jefferson O. Goulart (org.). Annablume editora. São Paulo. 1ª ed. 2006

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SIUFI, Bruno Nunes. **O novo Banco de Desenvolvimento: O BRICS e as mudanças na arquitetura financeira internacional.** Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/178785/001066707.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: junho/2020

TAYLOR, John B. **The financial crisis and the policy responses: An empirical analysis of what went wrong.** National Bureau of Economic Research, 2009. Disponível: <<https://www.nber.org/papers/w14631.pdf>> Acesso: setembro/2020

VASCONCELOS, Jonnas. O novo banco de desenvolvimento dos BRICS: contexto e intencionalidade. **Volume 87**, número 2, jul./dez. 2015. Disponível: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ACADEMICA/article/viewFile/1681/1471>>. Acesso: junho/2020

STUENKEL, Oliver. **BRICS e o futuro da ordem global.** 1ª edição. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O declínio do poder Americano.** Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.

WORLD BANK. **Environmental and Social Framework.** 2019. Disponível: <<https://www.worldbank.org/en/projects-operations/environmental-and-social-framework>>. Acesso: dezembro/2019